

# A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Director:

ALCINDO DIAS PEREIRA

VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia MINERVA VIMARANENSE: Rua 31 de Janeiro — GUIMARÃES

## DR. AFONSO COSTA

5 de Outubro de 1928

No velho Portugal, do sul ao norte,  
Infância bacanal se praticava,  
E o «Povo lusitano» suportava,  
A custo, o triste horror da sua sorte.

Porém «Afonso», herói de rijo porte,  
Conduzia entre mãos a dura clava  
Com que, num santo ardor e em sanha brava,  
Vibrou na «Monarquia» a justa morte!

E a sua mente, vasta como os ceus,  
Conseguiu legislar melhor que Deus  
Que a atrozes penas vota a Humanidade!...

Afonso Costa, sábio e mais bondoso,  
Quis dar ao meu «País», jardim mimoso,  
O Punico esplendor da Liberdade!

COSTA GUIMARÃES.

## Assistência

O homem devidamente alojado, em casa higiénica e alimentado com géneros próprios, encontra-se fisicamente em condições de poder desempenhar cabalmente a sua missão do trabalho.

Como porém a saúde não é facilmente garantível, torna-se necessário ainda que ela disponha dos meios necessários para defender-se da doença e lutar contra os germens do mal. E' para isso que se criam os hospitais; é para isso que há postos de socorros; é para isso que existem casas de beneficência.

Tôdas elas prestam, com relevante carinho, os necessários socorros áqueles a quem o ataque mórbido levou a bater às suas portas caridosas.

Não basta porém, para debelar o mal, combatê-lo nas suas manifestações agudas. A luta tem de travar-se na sua divulgação, no seu contágio, nos seus antecedentes, nas suas conseqüências. Há males, e êsses são os terríveis, que não se contentam com a victima directa; vem, geralmente, de um contágio já cheio de victimas e deixam, após êles, um funesto cortejo de desgraças.

E' a esta especialmente que tem de ser acesa toda a energia de ataque; é para êles que tem de dirigir-se a nossa principal atenção.

E' o problema da defêsa contra as doenças contagiosas, em cuja vanguarda caminham a tuberculose e a sífilis, aquela que mais urge resolver.

São êstes dois males que torturam a humanidade e fazem as gerações organicamente pobres e incapazes de progredir. O sífilítico e o tuberculoso que tem necessariamente os seus dias contados, deixa geralmente a sua prole atingida ao seu mal, de que vem a enfermar em um tempo relativamente próximo. Procuremos evitar êste flagelo social. Lutemos com critério, com decisão, com verdadeiro empenho para que a assistência se organize de modo a evitar o contágio dos doentes e defender as gerações futuras de um perigo iminente, inevitável e cheio de conseqüências ruínas. Olhamos sobretudo para as criancinhas, essa infância encantadora e inocente que não tem culpa das fatalidades da natureza e requiere bem justamente que a preparemos para ser amanhã o braço que há-de lutar, que há-de triunfar, que há-de progredir.

## AINDA A SINDICANCIA AO POSTO MÉDICO

Acordou tardiamente a sensibilidade embotada do sr. Afonso de Miranda, célebre sindicante aos serviços do Posto Médico e Sanidade do concelho, que a vereação Gonsalo Meira, extinguiu.

O talentoso autor do relatório que por aí se distribuiu, aparece agora armado em inocente que desconhece a sua publicação. Até parece que não sabe o que escreveu!

E como não tem mais que dizer, vá de chamar culpado ao sr. Dr. Alfredo Fernandes, porque foi correcto e delicado com êle. Sim, realmente o sr. Afonso de Miranda tem razão em dizer que não era conhecido do Sub-Inspector de Saúde de Guimarães.

Se êste nosso amigo o conhecesse de gingeira, como nós há muito o conhecemos, infelizmente, tê-lo-ia posto a respeitável distância, em lugar de tratá-lo com uma gentileza de que o sr. Afonso de Miranda nunca foi digno.

Não perca o tempo a queixar-se de ninguém, senhor Afonso de Miranda; queixe-se de si próprio.

O sr. Dr. Alfredo Fernandes não precisa de tutores para o defender, e lá tem o tribunal onde o senhor terá de prestar contas. Nós, na nossa grata missão de defender os interesses de Guimarães, proclamar a verdade e a justiça, é que temos obrigação de não deixar transitar as suas tranquiérbias.

E já que tem empenho em que voltemos ao assunto, aqui nos tem.

Dissemos que o sr. Afonso de Miranda não veio fazer a Guimarães uma sindicância, mas sim um frete à vereação Meira. Sustentamos a nossa afirmação.

O sr. Afonso de Miranda não sindicou nada: limitou-se a concordar com o que tinha feito a vereação que lhe arbitrara o pagamento do frete, por sinal bem remunerado. E assim é que não procurou ouvir as pessoas que acusavam, e que, se alguma sombra de dignidade lhe sobrasse, devia obrigar a depôr, pois que até para isso foi solicitado. Em lugar de apreciar com critério, espalhou a atoarda sem inquirir se poderia prová-la.

No seu próprio relatório cita documentos que se encarregam de provar que o senhor Miranda mente ignóbilmente.

Afirma que não existiam documentos comprovativos dos serviços do posto, quando é certo que os teve na mão.

Mete-se a discutir e apreciar serviços para que não tem, nem nunca teve, competência técnica nem profissional.

Enquanto se desempenhou do frete para que foi convidado, não procurou fazer justiça nem esclareceu a verdade; limita-se a afirmações insidiosas que lhe foram sugeridas pelos amigos da vereação e pelos próprios vereadores, com quem teve largas conferências, que nega com inaudito descaramento.

As suas conclusões são desmentidas pelos próprios documentos

que cita no seu próprio relatório, de que nada se aproveita a não ser a dedução da falta de brio, critério e elementar justiça e mínima noção da dignidade profissional e competência técnica.

O sr. Afonso de Miranda que é insidioso e suspeito nas suas conclusões, torna-se agora ridículo pela maneira como pretende justificar os seus êrros.

Teve todos os elementos para se elevar à consideração daquelles a quem tinha inspirado profundo desprezo e em lugar de produzir trabalho honesto, digno, consciencioso, desempenhou ignóbilmente um frete, contrariando tôdas as opiniões sensatas, ferindo reconhecidas competências, desprezando afrontosamente o bem e o interesse públicos, contrariando sistematicamente a evidência dos factos, mentindo abominosamente, e incorreu na repulsa de toda a gente de bem que sinceramente deseja o progresso de Guimarães.

E depois ainda tem o descaramento e a pouca vergonha de vir a público com uma carta a acusar outros para lavar a lama em que se afundou.

Ora bolas, senhor Miranda!

## PAVILHÕES SANATORIAIS NA PENHA

A proposta que apresentei na última sessão da Comissão Municipal de Assistência, para se tratar da organização da luta contra a tuberculose e a sífilis, proposta que teve a honra de ser aprovada pelos meus ilustres colegas, levantou celeuma entre vários elementos de Guimarães que não hesitaram em levantar o seu protesto porque se sugeria a ideia de construir no monte da Penha os pavilhões sanatoriais.

Fez-se brado enérgico deste protesto «O Comércio de Guimarães», que em longo artigo de fundo brada alerta a todos os vimaranenses.

Certamente o autor do artigo não é estranho a um panfleto anónimo que há tempos por aí circulou e que é manifestamente insidioso e destituído da menor sombra de altruísmo.

Mas adiante.

Entre outras coisas diz o *Alerta* de «O Comércio de Guimarães», que na Penha não podem ser construídos sanatórios para tuberculosos; que o local é para a religião, para o repouso e para o turismo, e pretende insinuar que na minha proposta há fins reservados, que êle antevê na simpatia que a mesma mereceu a um importante diário do Pôrto.

Abstenho-me das entrelinhas e insinuações do articulista, porque essas tem uma resposta especial, que, mercê de circunstâncias várias, não pode ser dada neste momento, mas que não perderá a oportunidade.

E para que não seja levado a conta de cobardia o meu silêncio, sempre quero dizer ao «Comércio de Guimarães», que:

1.º— Nenhum interesse parti-

cular me impeliu a fazer a proposta para a construção de pavilhões sanatoriais no monte da Penha;

2.º— Acho a extensão do monte da Penha, como vulgarmente lhe chamam, ou serra de Santa Catarina, para ser mais preciso, suficientemente extenso para nêle se poder escolher um local onde possam instalar-se socegradamente, com confiança e sem perigo para ninguém, os doentes portadores de tuberculose ou sífilis;

3.º— Lavrando com um pavoroso incremento em Guimarães a sífilis e a tuberculose é um crime de lesa-humanidade não se desenvolver uma luta eficaz para nos defendermos dos terríveis males;

4.º— Está reconhecido desde longa data, por pessoas de relevante carácter, inatingível dignidade e indiscutível competência, que o monte da Penha, ou antes, para não ferir os timpanos de «O Comércio de Guimarães», a serra de Santa Catarina, é um excelente local para tratamento de tuberculosos;

5.º— Não se deve sacrificar a saúde pública ao capricho individual de quem só pensa em pandegatas e bacanais, esquecendo, criminosamente, os infelizes que se definham e morrem porque o egoísmo não deixa triunfar a sensibilidade;

6.º— Nenhum perigo, nem inconveniente, pode trazer para o Turismo da Penha, a existência no amplo monte de sanatórios de cura, que hão-de fatalmente levar um apreciável concurso ao progresso e preferência da encantadora montanha;

7.º— A applicação dos mais rudimentares preceitos de hygiene põe qualquer medroso ao abrigo do menor perigo, o que parece ignorar o articulista;

8.º— «O Comércio de Guimarães» não deseja mais do que eu, o progresso e engrandecimento da sua terra, nem é capaz de ter maior izenção no trabalho.

ALFREDO FERNANDES  
Sub-Inspector de Saúde.

## Liga dos Antigos Scouts

No passado dia 10, realizou-se na sede do extinto grupo Atlético Sport Club, a inauguração da «Liga dos Antigos Scouts».

Esta festa, a que assistiram, além dos socios, vários convidados, imprensa etc, teve a abrihanta-la uma orquestra belamente organizada.

Os discursos proferidos tiveram um cunho acentuadamente patriótico, tendo sido felicitados os oradores.

A interessante festa terminou com entusiásticos vivas á Pátria. O salão achava-se belamente ornamentado.

Agradecemos a gentileza do convite que nos foi endereçado.

Este número foi visado pela  
Comissão de censura.

A Casa dos Caixeiros

Quem não conhece, pelo menos por tradição, a Casa dos Caixeiros?

Fundada em 1900—há, portanto, vinte e oito anos—, por uma pleiade de caixeiros dessa época, uns que são, hoje, homens de certo prestígio na sociedade vimaranense, outros que se ausentaram para terras longínquas e outros, ainda, que já tombaram para sempre na senda da vida, ela sintetisa cabalmente as aspirações de todos esses rapazes que reconheceram o interesse em se reunir, agrupar, formar um bloco e um conjunto forte para fazer respeitar os seus direitos e as suas regalias.

Feito isto, impunha-se aos continuadores dessa obra grandiosa a obrigação de dar realidade ao que os «veteranos» silogisaram numa hora feliz, tornar cada vez mais firmes, inabaláveis e profícuas as ideias que nortearam o gesto e cumprir integralmente a doutrina dos Estatutos.

Porém, com tristeza o constatamos, a união desfez-se e o bloco destrutível desagregou-se.

Há na classe dos Empregados do Comércio uma parte de descontentes que não usufruem as regalias da maioria por lamentável erro que foi a exaltação dum momento.

Se existisse, em verdade, essa união, se todos se compenetrassem de que só o conjunto e harmonia dão a força, os Empregados do Comércio reconheceriam a utilidade e o benefício advindos da causa que defendem e nunca mais pensariam em dispender isoladamente as suas energias nem darem-se a cancelas exaustivas do esforço próprio.

Estariam firmes nos seus postos como militares prontos a baterem-se.

Por isto, Caixeiros de Guimarães, é do vosso dever acabar com antigas rixas ou velhas desavenças! Auxiliai em tudo e por tudo a vossa Associação, pois hemos de reconhecer que a sua frente tem estado um homem, um caixeiro, uma cabeça forte que não desejaria continuar a assistir a essa divisão, e a quem Ela muito deve que de braços abertos vos receberia! Auxiliai a vossa Associação! Nós que somos nesta terra, neste país, no mundo inteiro, uma classe importante no seio da sociedade, espíritos fortes habituados á luta pela vida, porque não havemos de continuar a mostrar a nossa força como os vimes do feixe?! Juntos, seremos uma alavanca que fará obrar prodígios em favor das nossas aspirações e direitos.

Lá dentro cabem todos, todos aqueles que sejam correctos e educados. Porque não?

Voltaí á vossa Casa!

Venda de pedra

O Inspector do Circulo Escolar de Guimarães, superiormente autorizado, faz público que no dia 28 de Outubro, pelas 14 horas, no recreio da escola elementar desta cidade, em Santa Luzia, serão vendidas em hasta pública, 87 pedras, sendo 2 de granito fino, a maior parte lavradas, sendo 12 para cornija, existentes no recreio e quintal da cantina, e que vão á praça por 800\$00. No acto da arrematação será entregue 1/4 do preço e o restante pago ao serem retiradas as pedras.

A quantia apurada é destinada á Cantina Escolar. As pedras podem ser examinadas em todos os dias úteis.

Amargos de bôca...

O correspondente de Fafe para o "Ecos de Guimarães", queixa-se, amargamente, da Comissão Administrativa daquele concelho, por esta ter concorrido para os festejos do 5 de Outubro, data da implantação da República em Portugal. O astuto correspondente chama aos membros da referida comissão — monárquicos comodistas, pseudo servidores da actual situação política, etc. E' um rosário de lamúrias venenosas que não ficam mal a um imbecil, a um atrevido, a um ignorante, a um doido, que, afinal, não é mais do que um irresponsável pelos seus actos.

O pretencioso correspondente, que tanto se aborreceu com a atitude daqueles que comemoraram a data da implantação da República, ou é dos tais irresponsáveis pelos seus actos, e neste caso a culpa é de quem lhes toma conta de babuseiras ou julga que já estamos em monarquia, e então é a sua ignorância e o seu estúpido atrevimento que o fazem espirrar ódio e rancôr contra a República. São êstes tartufos, êstes que não reconhecem o direito que cada cidadão tem de demonstrar publicamente o seu entusiasmo por uma data gloriosa da República, que precisam de saber que a República vive e viverá, embora com eterno pezar daqueles que, como o sr. correspondente, em questão, anseiam pelo regresso, em manhã de nevoeiro, de D. Sebastião, o desejado . . . . .

Pois vá-se conformando, senhor, e vá-se habituando a não protestar contra o gesto de quem cumpre um dever. Quando voltar o que o senhor espera, então diga que não se pode comemorar o 5 de Outubro, mas para não ter mais ilusões, o melhor será conformar-se com o regimen actual. Não seja ambicioso em exagêro nem pretenda meter bedêlho em problemas que estão fora dos limites da sua competência; lembre-se de que alguns que andam com as mãos pelo ar, fazem-no por um excesso de generosidade da Natureza; se assim não fôra, rastejariam como a serpente ou andariam horizontalmente como certos animais.

Pense nisto, sr. correspondente, e pode ser que, com algumas semanas de meditação, se penitencie, a não ser que, mais uma vez, saia certo o aforismo antigo que diz: — b. . . . velho não toma andadura. . .

A sua correspondência, inserta no n.º 531 do "Ecos de Guimarães", é, além de inoportuna, atrevida e inconveniente; perdeu, pois, uma óptima ocasião de deixar de abusar da sua ignorância. . .

Não é o senhor que tem o direito de censurar quem quer que seja por actos dêstes, e se lhe custou a roer o gesto daqueles a quem o sr. censura, tenha paciência, e pode ser que no 5 de Outubro do ano próximo não sinta tantas náuseas. . .

Conforme-se, snr. correspondente, que a evolução é um dos factores do progresso! Com êste desabafo, não pretendemos de-

Ao de leve

O sr. A. J. S. marchante nas Caldas das Taipas, permitiu-se mandar arrancar um trôço de grade que veda o recinto do mercado. Dizem-nos que a sua intenção é colocar ali uma porta para a sua passagem para o talho, afim de não ter o incômodo de entrar pelo portão geral.

Sempre gostavamos de saber o que pensa a tal respeito a Ex.<sup>ma</sup> Câmara e o snr. Vereador das Taipas.

Ou será um privilégio concedido ao sr. A. J. S. por ser monárquico? \*

O famoso correspondente de "O Ecos de Guimarães", nas Taipas, á falta de melhor ocupação entretém-se a beliscar aqueles que lhe são desafectos. E como não conhece outro ideal que não seja o de fazer mal, instigar a desordem, criar a desarmonia, fomentar a intriga, de cada vez que rabisca qualquer coisa, vomita baba nojenta e peçonhento lódo.

Melhor fôra que aproveitasse o tempo a lêr livros de moral e pensar no futuro de seus pobres filhos.

Demais que se não-de acabar os papalvos que aturem as suas intrujices e acreditem no seu nefasto vigário. \*

Abundam por aí elementos de conhecido ideal trauliteiro que se veem esfregando as mãos na perspectiva de uma reviravolta política que lhes permita cevar os seus ódios, exercer as suas vinganças, satisfazer as suas ambições.

Presumimos que os seus maquiavélicos manejos não são ignorados pelas autoridades, a quem ainda está entregue a responsabilidade de velar pela defesa da República, mas a verdade é que a alma republicana do povo português está vigilante e saberá castigar severamente quem tentar enxovalhar o seu Regimen, gloriôsamente implantado em 5 de Outubro de 1910.

Tenente José Vieira Campos de Carvalho  
2.º sargento Joaquim Ribeiro

Dos Açores, para onde tinham sido deportados por motivo da revolta militar de 3 de Fevereiro do ano findo, regressaram ha dias a esta cidade aqueles nossos prezadissimos amigos e intransigentes republicanos, briosos ornamentos do extinto Batalhão de metralhadoras n.º 2. Na gare do caminho de ferro eram S. Ex.<sup>as</sup> esperados por avultado numero de amigos pessoais e políticos.

«A Velha Guarda» cumprimentá-os, apresentando-lhes o seu cartão de boas-vindas.

fender a entidade visada, porque não precisa da nossa defeza, mas desejamos apenas manifestar a nossa opinião ácerca da insólita correspondência, na qual não se encontra uma simples amostra de bom senso, nem de boa educação. Tudo lama, tudo lixo!!!

Diz-se . . .

Que um membro da Companhia de Jesus, vereador da C. A. da C. M. e professor efectivo do Liceu de Guimarães, respondeu a um convite que lhe dirigiu a Comissão das festas nacionais do 5 de Outubro, que os "Boy Scouts", não podiam tomar parte, nem comparecer a festividades politicas.

Que o mesmo cavalheiro é pouco corrente com o seu modo de pensar, pois que não tendo os "Boy Scouts", politica ou religião, também não deviam andar a acompanhar procissões.

Que o mesmo cavalheiro esquece os seus deveres de Comissário, para se entregar ao mister de vendedor do jornal "As Novidades".

Que o mesmo cavalheiro, na Câmara, lembrou a possibilidade de poderem ser dispensados os serviços do administrador do cemitério, invocando para isso a recente lei de incompatibilidades.

Ginkana de Automoveis

Na parada dos Bombeiros Voluntários realizou-se no passado Domingo uma brilhante festa desportiva que atraíu a este local uma assistencia selecta e distinta.

Constou de uma ginkana de automoveis sob a direcção do sr. José Roberto Queiroz á qual decorreu cheia de animação e de interesse tendo concorrido 18 automobilistas, desta cidade, do Porto e de Braga.

Enchia o recinto uma numerosa assistencia destacando-se muitas senhoras que davam áquella recinto uma nota animada e chic.

Os obstáculos, bem marcados, produziam optima impressão, tendo alguns provocado hilariedade no publico.

O juri que era constituído pelos srs. Alvaro da Costa Guimarães, Francisco e Manuel Pereira Mendes classificaram os concorrentes pela ordem seguinte:

**Homens**—1.º e 4.º premios, Belmiro Jordão; 2.º, Manuel Vilas Boas; 3.º, Eurico Sameiro; 5.º, Alberto Costa; 6.º, Antonio Grave; 7.º, Carlos Alberto Teles Fernandes; 8.º, Manuel Jesus de Souza; 9.º, Alberto Teixeira Carneiro.

**Senhoras**—1.º e 4.º premios, D. Julia Jordão, 2.º e 5.º; D. Maria Amélia Tobim, (Aldão); 3.º e 6.º, D. Maria Emília de Freitas; 7.º, D. Rita de Moura Machado e 8.º, D. Adriana Fernandes Guimarães.

**GRAFONOLAS** e discos Homocord, Odeon e outros, últimas novidades, e agulhas próprias para todos os sons, vendem-se na Casa de Santa Teresinha, Rua da República, 122.

ISMÊNIA AUGUSTA S. L. DE MATOS  
MODISTA

Participa que mudou o seu Atelier de Vestidos e Roupa Branca da Travessa do Monte Pio para a Rua de Gil Vicente, 17— Guimarães.

No próprio interesse de V. Ex.<sup>a</sup>, aconselha uma visita ao mesmo, agora completamente transformado. Confecciona pelos últimos figurinos toda a obra de Senhora e Criança.

Encarrega-se de Enxovais para Casamentos e Baptizados. Preços módicos. Execução imediata e perfeita.

A' volta dum acontecimento

O oitavo centenário da  
Batalha de S. Mamede

Continuado do n.º 200

Recebeu com dignidade aquêlle pequeno mas pesado fardo e entreteve-lhe a descuidada puerícia no seu velho solar.

Morrendo o chefe borgonhês serviu-lhe de segundo pai.

Sobre a infancia deste principe correm muitas anedotas, muitas lindas de insulso cosinhado. Conta-se que êle nasceu paralítico, enfesado, e que o seu pressuroso aio o fôra curar milagrosamente no altar duma ermida soterrada. São amanhos de sacristia ou então, como diria Herculano, casos poéticos da nossa história.

Como podia o fruto de tão robustos sêres, quais foram seus pais, saír horrivelmente inutilizado?

Não ousamos negar os milagres que nessas eras choviam como pragas contra os sarracenos, mas êste foi muito desageitado. Rijo como o aço que viu ao abrir pela primeira vez os olhos é que êle foi sempre.

Aos doze anos curou o velho Egas Moniz de ministrar-lhe ensinamentos da guerra. E é provavel que êste senhor folgasse sinceramente com os inauditos progressos do seu pupilo. Que a êle se atribui a tarefa de desfazer-lhe os nojos que o impediam de lutar contra a mãe.

Predispunham-se os elementos para uma profunda revolução nos domínios da régia amásia do conde de Trava. O infante que reunia ao tino uma aparência bela, dera um passo revelador. Contava então catorze anos, idade falha em que o adolescente comete ainda impensadamente tantos desvarios. Realizava-se em Zamora, praça integrada nas possessões de D. Terêsa, a festa cristã de Pentecostes. Afonso Henrique ali foi de longada como forasteiro.

(Continúa).

Escola Industrial e Comercial

Encerrou a matrícula deste estabelecimento de ensino com 193 alunos dos dois sexos tendo sido reprovados no exame de admisión á mesma Escola 8 alunos.

Verifica-se, com justificado prazer, que as classes trabalhadoras da nossa terra procuram instruir-se, reconhecendo a incontestavel utilidade da Escola Industrial e Comercial de «Francisco de Hollanda».

Dr. Antonio José d'Almeida

Regressou ha dias da Alemanha, onde tinha ido em procura de alivio para os seus padecimentos, o venerando ancão e illustre republicano Ex.<sup>mo</sup> Snr. Dr. Antonio José d'Almeida, antigo Chefe do Estado. Infelizmente, é precário o estado da preciosa saude de S. Ex.<sup>a</sup>.